



7º Seminário de
Informação
em Arte

13 e 14 de julho de 2021
Rio de Janeiro



ARQUITETURA E ARTE: O ACERVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA

ARCHITECTURE AND ART: THE COLLECTION OF THE DOCUMENTATION CENTER OF THE PAMPULHA ART MUSEUM

Dalba Roberta Costa de Deus

Museu de Arte da Pampulha – map.cedoc@pbh.gov.br

Resumo: O Museu de Arte da Pampulha (MAP), instituição museológica que tem como edifício sede o Cassino da Pampulha, criado nos anos 1940 pelo arquiteto Oscar Niemeyer, tem o desafio de difundir a arte em um espaço de arquitetura moderna. A singularidade de sua arquitetura e seus aspectos anti museológicos, como a ausência de paredes em alvenaria, a impossibilidade de climatização das salas, a insolação permanente através de suas paredes de vidro, a ausência de reserva técnica adequada, são alguns dos problemas técnicos e estruturais para a constituição de um museu de arte. A partir de 2001, com uma proposta curatorial de realizar exposições onde as obras de arte eram concebidas considerando a experiência com o espaço, o Museu buscou estabelecer um diálogo entre Arquitetura e Arte. O Centro de Documentação (CEDOC), formulado em 2009, por meio do projeto “Higienização e Acondicionamento do Acervo Arquivístico do Museu de Arte da Pampulha”, é uma unidade de informação do Museu, com o objetivo de guardar e disponibilizar o acervo documental da instituição. Atualmente, esse acervo é formado por seis grandes coleções: Salões, Exposições, Museu/ Cassino, Eventos, Acervo Artístico e Setores do MAP. Verificou-se que, ao longo dos programas expositivos realizados pelo museu, nos seus 60 anos de existência, as coleções do Centro de Documentação que abrangem a história da Instituição e as possibilidades de diálogo existentes entre a Arquitetura e a Arte explorada pelo Museu, são as coleções Exposições, Museu/Cassino e Salões. Estas coleções registram e narram a apropriação do espaço como elemento de constituição da obra de arte pelo MAP, tendo o suporte arquitetônico como componente para diversas construções, influenciando diretamente nas propostas apresentadas nas exposições.

Palavras-chave: Arquitetura e Arte. Museu de Arte da Pampulha. Centro de Documentação. Acervo documental.



7º Seminário de Informação em Arte

13 e 14 de julho de 2021
Rio de Janeiro



Abstract: The Pampulha Art Museum (MAP), a museological institution whose headquarters is the Pampulha Casino, created in the 1940s by architect Oscar Niemeyer, has the challenge of spreading art in a space of modern architecture. The uniqueness of its architecture and its anti-museum aspects, such as the absence of masonry walls, the impossibility of air conditioning in the rooms, the permanent insolation through its glass walls, the absence of adequate technical reserve, are some of the technical and structural of an art museum. From 2001, with a curatorial proposal to hold exhibitions where works the works of art were conceived considering the experience with space, the Museum sought to establish a dialogue between Architecture and Art. The Museum's Documentation Center (CEDOC), created in 2009, through the project "Higienização e Acondicionamento do Acervo Arquivístico do Museu de Arte da Pampulha", is an information unit of the Museum, with the goal of storing and making available the institution's documentary collection. Currently, its documentary collection comprises six large collections: Salões, Exposições, Museu/ Cassino, Eventos, Acervo Artístico and Setores do MAP. It was found that, throughout the exhibition programs carried out by the museum, in its 60 years of existence, the collections of the Documentation Center that cover the history of the Institution and the possibilities of dialogue between Architecture and Art explored by the Museum, are Exposições, Museu/ Cassino and Salões collections. These collections record and narrate the appropriation of space as a constituent element of the work of art by MAP, having the architectural support as a component for various constructions, directly influencing the proposals presented in the exhibitions.

Keywords: Architecture and Art. Pampulha Art Museum. Documentation Center. Documentary collection.

1 O MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA E SEU CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

O Museu de Arte da Pampulha (MAP)¹ foi criado através da Lei Municipal nº 0674, de 23 de dezembro de 1957², na gestão do prefeito Celso de Mello Azevedo. Atualmente a instituição é vinculada à Fundação Municipal de Cultura (FMC), órgão de administração indireta da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Sua sede localiza-se no edifício situado à Av. Otacílio Negrão de Lima, nº 16.585, Jardim Atlântico, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

¹ O MAP foi criado com o nome de Museu de Arte de Belo Horizonte (MABH) e passou a ser chamado Museu de Arte da Pampulha a partir de 1996, quando ocorreu um concurso para nova logomarca da instituição. O novo nome não foi oficializado, mas é utilizado desde a referida época.

² ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. **Lei Municipal** nº674 de 23 de dezembro de 1957, publicada no Diário Oficial do Município.

O prédio que abriga o MAP foi construído no início dos anos 1940 para ser um Cassino, sendo a primeira obra concluída do Conjunto Moderno da Pampulha, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a pedido do prefeito da época, Juscelino Kubitschek. O Conjunto é parte integrante do projeto de modernização da nova capital mineira dos anos 40, composto pelo Cassino da Pampulha (atual MAP), Casa do Baile (atual Casa do Baile – Centro de Referência da Arquitetura, Urbanismo e Design), Iate Clube e Igreja São Francisco de Assis.

O edifício sede do Museu foi tombado pelas três esferas: federal, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN (1994); estadual, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais/IEPHA-MG (1984) e municipal, pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte/CDPCM/BH (1994). Em 2016, o Conjunto Arquitetônico recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade durante a 40ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco, realizada entre os dias 15 e 17 de julho do referido ano, no Centro de Convenções de Istambul, na Turquia.

No ano de 1996, o edifício do MAP passou por um processo de restauro que apontou para a necessidade de organização institucional, catalogação de seu acervo e a definição de um projeto museológico, incluindo um programa expositivo, como narra Mendonça (2013) em sua dissertação. No mesmo período foi elaborado um Estatuto³ para o MAP e enviado como projeto de lei para a Câmara Municipal de Belo Horizonte. Ainda de acordo com a autora citada, foram criados alguns setores, que compuseram o corpo técnico do Museu, além da Biblioteca que foi instituída.

Em relatório do setor Biblioteca, a bibliotecária Celeste Fontana (s.d., p.19) escreve que “a Biblioteca/Centro de Documentação e Referência é um espaço cultural, setor do MAP, inaugurado em 18 de setembro de 1996, parte do Projeto de Restauração e Revitalização do Museu.”

³ MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA. **Estatuto** – Estrutura Organizacional. Projeto de Lei enviado à Câmara Municipal de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Centro de Documentação do Museu de Arte da Pampulha, 2003.



7º Seminário de Informação em Arte

13 e 14 de julho de 2021
Rio de Janeiro



Apesar de constar no Estatuto um setor como Biblioteca, a percepção que se tem lendo o relatório mencionado é de que este setor estava dividido em dois, coexistindo no mesmo espaço, pois a própria nomenclatura citada - Biblioteca *barra* Centro de Documentação e Referência (Biblioteca/CDR) nos traz esta percepção. Ainda é possível observar esta separação no seguinte trecho do relatório:

O seu acervo, já informatizado, conta com 6.800 exemplares, entre livros de artes visuais, história da arte, publicações do próprio museu e catálogos de exposições coletivas e individuais, periódicos, cartazes, folhetos e hemeroteca referente às artes plásticas e aos artistas. Conta também com pequena coleção de arte infanto juvenil, início de um projeto de criação de uma seção de literatura voltada à área de arte- educação e assinatura de importantes jornais.

O espaço armazena e disponibiliza às pesquisas importante acervo audiovisual e documental composto por 150 fitas de vídeo e cd-roms, 700 fotografias, 900 cromos, plantas arquitetônicas, documentos textuais que registram a história do MAP e do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, além de dossiês das exposições do museu, tudo devidamente organizado (FONTANA, s.d., p.19).

Apresenta-se também, neste relatório, tópico 2. Objetivo geral, a informação de que com a organização sistemática do seu acervo, a Biblioteca/CDR/MAP tinha como objetivo desenvolver atividades com a intenção de “disponibilizar informações e dar suporte às atividades de pesquisa ao público em geral, ao corpo técnico da instituição, aos interessados em artes plásticas, arquitetura e turismo e na História do Conjunto Arquitetônico da Pampulha”. (FONTANA, s.d., p.20)

Em 2009 foi elaborado o projeto Higienização e Acondicionamento do Acervo Arquivístico do Museu de Arte da Pampulha, que foi executado, como relata Fernanda Tozzo Machado (2011), entre os meses de fevereiro de 2010 e maio de 2011, com o apoio da AMAP (Associação dos Amigos do MAP) e patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Neste período o Centro de Documentação foi sistematizado e em alguns documentos administrativos não publicados (como proposta de diretrizes e política), aparece o nome Centro de Documentação e Pesquisa, com objetivos diferentes da Biblioteca . Apesar de ainda, naquele momento, o Centro de Documentação

dividir o espaço físico com a Biblioteca, nota-se que o setor passou a ser reconhecido como um setor individualizado, separado, com funções e propostas diferentes da Biblioteca.

Um Centro de Documentação representa, segundo Viviane Tessitore (2003), uma mescla das entidades Museu, Biblioteca e Arquivo (instituições estas já consolidadas ao longo da história) porém, sem se identificar com nenhuma delas. Ainda de acordo com a autora, justamente por seu caráter híbrido, os centros de documentação não contam com uma teoria metodológica específica para o tratamento de seu acervo, o qual pode ser constituído por material bibliográfico, arquivístico e museológico.

Centros de documentação são órgãos colecionadores e fazem referência a uma área específica, ou seja, é uma característica desses locais a especialização em uma área de conhecimento e a partir disso a reunião de seu acervo e a definição de suas funções de pesquisa, bem como a composição de sua equipe técnica científica (TESSITORE, 2003, p. 14,15).

Em 2016, o corpo técnico do MAP realizou discussões internas para elaborar um plano museológico⁴, que seria o primeiro do Museu. Nesta conjuntura, textos que versavam sobre as diretrizes e política do setor Centro de Documentação e Pesquisa foram revistos⁵. A iniciativa do plano museológico não seguiu em frente, mas surgiu o questionamento do nome do setor incluir a pesquisa, o que levava a compreensão equivocada de que este setor seria responsável por executar pesquisas para o Museu. Desta forma, passou-se a adotar o nome Centro de Documentação apenas, indicando que o setor era responsável por tratar, organizar e disponibilizar ao corpo técnico do MAP e aos pesquisadores, seus registros documentais.

No ano de 2020, com a pandemia causada pelo coronavírus (covid-19), os trabalhos passaram a ser executados via teletrabalho e foi uma oportunidade para a equipe do Museu se reunir e discutir a elaboração de um plano museológico⁶. Nestas discussões, se reafirmou

⁴ Plano Museológico é uma ferramenta de gestão estratégica para museus. Trata-se de um documento que define conceitualmente a missão, a visão, os valores e os objetivos da instituição, e alinha, por meio de um planejamento estruturado e coerente, seus programas, seus projetos e suas ações. Um Plano Museológico deve representar o passado, o presente e, sobretudo, o futuro da instituição, priorizando as ações a serem desenvolvidas pelo museu para o cumprimento da sua função social e para constituir-se como um documento balizador de sua trajetória. Fonte: MINISTÉRIO DO TURISMO. IBRAM. **Plano Museológico**. Disponível em: <<https://sabermuseu.museus.gov.br/plano-museologico/>>. Acesso em: 30 Abr. 2021.

⁵ Textos não publicados, disponíveis para consulta no CEDOC/MAP.

⁶ Notas da autora.



7º Seminário de Informação em Arte

13 e 14 de julho de 2021
Rio de Janeiro



que a nomenclatura deveria se manter apenas como Centro de Documentação (CEDOC/MAP), baseado na sua função dentro do Museu.

Neste sentido, o CEDOC/MAP é responsável pela centralização de documentos relativos à história e memória do Museu de Arte da Pampulha, das obras de seu acervo artístico e exposições. Tem por finalidade reunir, salvaguardar e preservar documentos relevantes em diferentes suportes. Seu acervo é constituído de documentos, desde a ocupação do edifício como museu, e integrante do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, até a atualidade. No entanto, parte do acervo documental histórico⁷ (1957-1969) foi recolhido pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) para a criação do Fundo do Museu de Arte da Pampulha. Sendo assim, a concentração maior de documentos é de 1969 em diante.

Um dos objetivos do CEDOC/MAP é servir de apoio à equipe técnica do Museu em suas pesquisas. O atendimento ao público externo é feito mediante agendamento e seus usuários são, em geral: curadores, artistas, jornalistas, historiadores, arquitetos e pesquisadores nas mais diversas áreas do conhecimento.

O Centro de Documentação ainda não tem seu acervo digitalizado, mas estudos de viabilidade de um banco de dados que dialogue com todos os acervos do museu vem sendo proposto e discutido pela equipe técnica⁸. Em 2010, o MAP realizou uma exposição intitulada “Coisário, Cassino, Museu”, sob a curadoria de Marconi Drummond, na qual o Museu apresentou registros da história institucional e trouxe algumas reflexões sobre os processos voltados ao colecionismo. Esta exposição foi uma forma de também mostrar o acervo do Centro de Documentação, que muitas vezes é restrito apenas aos pesquisadores e pouco divulgado para o grande público.

2 ACERVO DOCUMENTAL E METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO

Até o ano de 2010, as coleções no acervo do Centro de Documentação foram formadas, organizadas e tratadas em momentos distintos, por pessoas diferentes que não

⁷ Decreto Municipal nº 9.223, de 20.05.1997, determina a transferência de dossiês de eventos ocorridos no MAP ao arquivo permanente do APCBH, após o prazo de seis anos nos arquivos correntes.

⁸ Notas da autora.



7º Seminário de Informação em Arte

13 e 14 de julho de 2021
Rio de Janeiro



deixaram registros específicos sobre a metodologia aplicada. Entretanto, no relatório técnico de Fernanda Tozzo Machado (2011), constava um plano de classificação norteador feito em parceria com o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH). Em 2013 houve uma comissão no Museu que discutiu e planejou criar as Diretrizes Políticas do acervo documental do CEDOC/MAP. Nesse documento⁹, não finalizado, foi sugerido um plano de classificação com a inserção de subdivisões. Em consulta ao APCBH no ano de 2013 e à pessoas que trabalhavam com gestão documental de acervo na Fundação Municipal de Cultura (FMC) naquela época, percebeu-se que manter o primeiro plano sugerido pelo APCBH (MACHADO, 2011) seria mais viável, uma vez que o acervo não estava todo identificado e este plano demonstrava ser mais simples e objetivo, atendendo no primeiro instante, a proposta de organizar o acervo em série, para depois propor subdivisões.

Atualmente, o acervo é formado por seis grandes coleções: Salões, Exposições, Museu/ Cassino, Eventos, Acervo Artístico e Setores do MAP. A coleção Salões foi a primeira a se constituir, formada por registros que narram a história dos salões de Arte em Belo Horizonte, como por exemplo, a dos Salões Nacionais de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte (SNA/PBH), que em 2003 teve seu formato alterado para um programa de residência artística, o Bolsa Pampulha¹⁰. Nesse novo formato, o SNA está em sua 8ª edição, acontecendo a cada dois anos e dando sequência a história dos Salões de Arte em Belo Horizonte.

A coleção Exposições é oriunda dos programas expositivos que o Museu executa e realiza atualmente. Com registros desde o ano de 1958, esta coleção traz reflexões sobre as artes plásticas em Belo Horizonte, expressões artísticas das últimas décadas do século XX e produção da arte contemporânea.

A coleção Museu/Cassino armazena documentos referentes não apenas a história da instituição, mas especialmente registros relacionados à seu edifício sede, no que diz respeito

⁹ MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA. **Diretrizes da Política do Acervo documental**. In: Centro de Documentação do Museu de Arte da Pampulha, 2013. 9 p. Texto não publicado.

¹⁰ MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA. **Entre salões**: Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte: 1969-2000. Belo Horizonte: MAP, 2010.



7º Seminário de Informação em Arte

13 e 14 de julho de 2021
Rio de Janeiro



a sua arquitetura, reformas, estruturações, projetos, plantas arquitetônicas e o que é concernente a esta temática, como os jardins projetado por Roberto Burle Marx na década de 1940.

A coleção Eventos compõem-se de programações que o Museu realizou nestes 60 anos de existência. A partir do ano de 2014, as peças gráficas e grande parte dos registros começaram a ser feitos apenas no formato digital. Esta coleção parou de ser alimentada fisicamente e foi migrada para o contexto digital.

A coleção Acervo Artístico guarda e conserva documentos relativos às obras de arte do MAP. A coleção Setores do MAP foi a última a se estruturar e centralizar documentos como projetos, oficinas, relatórios etc., elaborados e/ou executados pelos setores técnicos da instituição.

É importante salientar que todas as coleções continuam sendo alimentadas com novos registros, à medida que o Museu realiza suas atividades, produzindo conhecimento.

3 ARQUITETURA E ARTE: REGISTRO ACERVO CEDOC/MAP

O Museu de Arte da Pampulha ocupa um edifício que foi projetado para ser um Cassino e a função de Museu passou a ser assumida apenas em 1957. Mendonça (2013) chama a atenção para o fato de que assumir estas funções dentro de um edifício que nasceu com prerrogativas de importância arquitetônica é um desafio permanente:

A singularidade de sua arquitetura, marco modernista, e seus aspectos antimuseológicos, como a ausência de paredes em alvenaria, a impossibilidade de climatização das salas, a insolação permanente através de suas paredes de vidro, a ausência de reserva técnica ou a previsão para sua instalação, são desconsiderados, o que aponta, desde então, problemas técnicos e estruturais para a constituição de um museu de arte. A insubordinação dessa arquitetura à sua função traz questões a serem discutidas e analisadas pelos diversos gestores, curadores, diretores e equipes técnicas, que, ao longo dos anos, se incubiram de tornar realidade o decreto-lei de sua criação, administrando, cuidando e ampliando o acervo do museu, realizando exposições e salões de arte (MENDONÇA, 2013, p.14).

Em 1969 o MAP realizou o V Colóquio de Museus, promovido pela Associação de Museus de Arte do Brasil. O colóquio dava destaque à função educativa do museu de arte,

visto como um laboratório experimental e um centro cultural ativo e, de acordo com Mendonça (2013, p.16), “ aberto ao debate e à confrontação entre artistas, críticos e público.” Ainda segundo a autora, no mesmo ano, em uma reformulação do Salão de Arte (I Salão Nacional de Arte Contemporânea), o MAP, através do regulamento do salão, previa a ampliação do espaço expositivo, considerando os jardins como lugar possível e propício para as manifestações de vanguarda. Entre as obras premiadas no Salão constam a obra-processo Territórios, proposta pelos artistas mineiros Lótus Lobo, Dilton Araújo e Luciano Gusmão. Territórios era uma proposição poética dos espaços internos e externos do Museu. Esta foi uma das primeiras obras *site-specific* para o MAP.

Em outubro de 1997, a artista Ana Maria Tavares trouxe à tona uma discussão mais aprofundada sobre a relação obra e espaço, obra de arte e arquitetura e obra *site-specific*, com a exposição Porto Pampulha. A exposição individual da artista apresentou um conjunto de obras construídas a partir da experiência com o espaço. “Inseridas no ambiente do Museu as obras dialogavam com os elementos arquitetônicos ao mesmo tempo que problematizavam a relação destes objetos, agora desfuncionalizados, com a arquitetura”. (MENDONÇA, 2013, p.39).

Em 2001 o Museu convidou Adriano Pedrosa para assumir a curadoria do MAP. A proposta era realizar exposições onde as obras de arte eram concebidas a partir da experiência com o espaço, procurando dialogar com o edifício sede do Museu:

Tratava-se de considerar a arquitetura não mais como suporte, mas como parte indissociável da obra, e abolir a construção de falsas paredes para conformar o cubo branco que dissociava a arte do mundo externo, buscando a inserção das obras no espaço impuro e ordinário do cotidiano (MENDONÇA, 2013, p.44).

As primeiras exposições com esta nova proposta se iniciaram em 2002, com curadoria de Adriano Pedrosa e curadoria assistente de Rodrigo Moura. Em 2006 assumiu a curadoria do MAP Marconi Drummond, que manteve o programa anterior estabelecido, mas inseriu no programa exposições históricas e de acervo que “problematizavam a relação

arte/arquitetura e arte/design.” (MENDONÇA, 2013, p.47). São desta época as exposições Binária: acervo e coleções e Neovanguardas.

A análise crítica das exposições realizadas no programa expositivo entre 2002 e 2010 foi objeto de estudo de Mendonça (2013), que afirma:

O programa expositivo realizado entre 2002 e 2010 possibilitou ampliar as discussões sobre site-specific e, a cada exposição, o Museu de Arte da Pampulha procurou repensar seu lugar, seu programa e as especificidades de sua arquitetura e de sua história (MENDONÇA, 2013, p. 48).

Em 2011, a curadora, crítica de arte e arquiteta Renata Marquez foi convidada para realizar exposições e manter a proposta de diálogo entre arte e arquitetura. Neste período foram realizadas as exposições Eduardo Coimbra- Museu: observatório; Ricardo Basbaum – conj., re-bancos*. Exercícios&conversas; Nydia Negromente – Lição de coisas; e Inês Linke, Louise Ganz e Mônica Nador – Outros Lugares.

Este percurso do programa expositivo do Museu foi importante para registrar a apropriação do espaço como elemento de constituição da obra de arte, tendo o suporte arquitetônico como componente para diversas construções, influenciando diretamente nas propostas apresentadas nas exposições.

A partir disto, pode-se delimitar três coleções do acervo CEDOC/MAP que abrangem esta história da instituição e as possibilidades de diálogo existentes entre a Arquitetura e a Arte explorada pelo MAP:

1. Coleção Exposições: composta pelos mais diversos suportes, fotografias impressas/digitais, negativos, slides, catálogos, peças gráficas etc., formando um dossiê que narra todo o processo de um programa expositivo. Estes registros são fundamentais para compreensão da trajetória da instituição, mas também são fontes de pesquisa para as mais diversas áreas do conhecimento, potencializando a função do museu de gerar e agregar conhecimento.
2. Coleção Museu/Cassino: é uma coleção que conta a história do edifício em suas particularidades físicas, como composição dos elementos arquitetônicos

estruturais, reformas, propostas de projetos etc., refletindo o patrimônio arquitetônico e paisagístico da Pampulha.

3. Coleção Salões: direcionada para a guarda e disponibilização de registros dos salões de arte que aconteceram em Belo Horizonte a partir dos anos 1950, na qual a relação entre arte e arquitetura se faz presente, principalmente a partir do programa de residência artística Bolsa Pampulha. Um estudo de usuário¹¹ realizado pelo setor no ano de 2018, demonstrou que esta coleção também é a terceira mais consultada no acervo, atrás apenas da coleção Exposições e da Coleção Acervo Artístico.

4 CONSIDERAÇÕES

Criado na década de 1940 para ser o Cassino da Pampulha, o edifício sede do Museu de Arte da Pampulha, desde 1957, trouxe grandes desafios para a instituição museológica em relação ao exercício de sua vocação. Uma arquitetura modernista que dentro de um Conjunto Arquitetônico, simboliza sua importância máxima com o reconhecimento da UNESCO como Patrimônio da Humanidade e ao mesmo tempo como uma instituição com o papel fundamental de colecionar, preservar, pesquisar e difundir as artes visuais. Estes dois fatores estimulam constantemente o MAP a estabelecer um diálogo entre Arte e Arquitetura como um campo experimental por meio dos artistas.

O programa expositivo, iniciado nos anos 2000 com Adriano Pedrosa, foi essencial para a instituição estabelecer uma diretriz como museu adaptável às demandas e necessidades artísticas. A arquitetura modernista do edifício incentivou seu programa expositivo, trazendo questionamentos e transformações museológicas. Percebe-se que a relação do Museu com sua arquitetura e arte é constante, sendo algumas vezes conflitante, em outros momentos, de diálogos enriquecedores.

A sistematização, do seu Centro de Documentação na primeira década dos anos 2000, reflete o interesse do Museu em ter um local gerador e produtor de informação, além

¹¹ HORTA, N.M., DEUS, D.R.C. **Estudo de usos e usuários:** Centro de documentação do Museu de Arte da Pampulha. Disponível em < <http://repositorio.febab.org.br/items/show/3389> >. Acesso em 08 abr. 2021.



7º Seminário de Informação em Arte

13 e 14 de julho de 2021
Rio de Janeiro



da Biblioteca que já existia desde os anos 1990, ampliando assim, as possibilidades de pesquisa.

Em toda esta trajetória descrita, o CEDOC/MAP, sendo uma unidade de informação dentro do Museu, guarda e disponibiliza registros que foram fundamentais para documentar as discussões e questões levantadas pela instituição com seus programas expositivos. As coleções Exposições, Museu/Cassino e Salões são as mais representativas quando se trata da temática artística e sua relação com a arquitetura. Estas coleções narram a história do MAP e mostra, através de seu acervo documental, como o Museu se utilizou da sua arquitetura modernista para ressignificar sua relação com a Arte, permitindo que ela provoque e se desdobre sobre a cidade.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Fernanda Tozzo. Higienização e Acondicionamento do Acervo Arquivístico do Museu de Arte da Pampulha. **Relatório**, 2011.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003, volume 9. (Projeto como fazer).

FONTANA, Celeste. Biblioteca e Centro de Documentação e Referência, p.19-21. In: MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA. **Relatório de gestão**. Belo Horizonte: Centro de Documentação do Museu de Arte da Pampulha, s.d.

MENDONÇA, Fabíola Moulin. **Arte e Arquitetura: um diálogo possível, um estudo de caso do Museu de Arte da Pampulha**. 2013. Dissertação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2013.